

O FESTIVAL VISTO DE FORA

A resistência teatral e cultural hoje

Foram meses à espera, meses de sofrimento e de incerteza para todos, e nessas tantas semanas obscuras e incertas muitos sonhávamos com o regresso dos teatros habitados. Almada foi por isso um sopro de ar fresco, um alento de esperança e de coragem. Voltar a ver o entusiasmo do público e a entrega dos artistas em teatros em funcionamento, onde as ideias giram sem cessar em torno de nós, é um exemplo para todos os que acreditamos na arte do colectivo e na capacidade do teatro para transformar o Mundo e lutar contra a injustiça. E também contra a desesperança, contra a aceitação de uma vida sem cultura, e muito particularmente sem teatro.

A Companhia de Teatro de Almada, que organiza este Festival e sempre foi um projecto de resistência, deu-nos uma nova lição nessa matéria, tendo o arrojo de colocar-se na vanguarda da reflexão sobre a religião e a sociedade (*Mártir*), sobre a memória (*By Heart*) ou sobre a identidade (*Turma de 95*), abrindo as suas portas a artistas de hoje, que reinventam a maneira de contar histórias.

Foi para mim uma enorme emoção poder estar no primeiro fim-de-semana desta edição do Festival de Almada, uma enorme aprendizagem, que me deu um definitivo alento para levar esse impulso até outros lugares e teatros, no anseio de voltar à vida na sua plenitude.

Parabéns a toda a equipa de Almada e feliz Festival!

Ignacio García,

encenador e director do Festival Internacional de Teatro Clásico de Almagro, Espanha

A CASTRO, POR NUNO CARDOSO E O ELENCO DO TNSJ

A casa portuguesa e o que se sente e diz lá dentro

Inicia hoje carreira no Festival, na Sala Principal do TMJB, o espectáculo encenado pelo director do Teatro Nacional São João.

Uma primeira ideia que surpreende: a de esta abordagem ao texto-cânone de António Ferreira, “o mais clássico dos textos portugueses, e, com todo o respeito pelos outros textos sobre esta história, mas o de António Ferreira é per-fei-to”, ser bastante mais fiel do que o habitual, apesar do que a estética cenográfica e do que o percurso de Nuno Cardoso como encenador pressuporia. “A maior parte das Castros tem cortes profundos, e faz-se com cerca de 35% do texto, ao passo que nós temos quase 95% do texto original.”

O que mudou então, no que à abordagem ao texto respeita? “Não usamos a distanciação que é por vezes aplicada à matéria trágica. Houve uma análise profunda ao texto como acção, e um levantamento dos conflitos subjacentes, para que pudessem ser jogados com um paradigma de representação mais próximo do melodrama cinematográfico. Ou seja, nós *falamos* exactamente o que lá está escrito, o que é substancialmente diferente de *dizer*.”

“As tragédias, na sua forma clássica, baseiam-se em mitos, e toda a gente sabe à partida como é que acabam. E portan-

to todos esperam novidades na catástrofe, e não que esta tenha um diferente desenlace. A *Castro* de António Ferreira, no imaginário português, reencontra essa dimensão da tragédia: toda a gente conhece a história e como acaba. E portanto a ‘coisa diferente’ apenas pode ser encontrada no caminho que leva à catástrofe, no desenrolar trágico da *catarsis*, pelo transporte dos mecanismos dramáticos que António Ferreira usou, e que são extraordinários e singulares.”

Por outro lado, e atendendo a que estamos perante uma questão de família, era preciso encontrar a forma desse lugar simbólico. Como fez Nuno Cardoso? Levando a tragédia para dentro de casa, trabalhando a ideia de casa no que esta tem de eterno, de anseio permanente no ser português profundo. “A identidade do português enquanto cidadão adulto é muito definida pela sua casa. Quando acabei a faculdade, a primeira coisa que os meus pais me disseram foi: compra uma casa. Claro que o facto de Inês ser uma mulher e ser estrangeira perturba essa ideia de casa.” Um espectáculo que o seu encenador considera uma oportunidade de descoberta da história antes e para além do mito dos mitos portugueses, num espaço no qual não há reis nem rainhas, nem cabe a habitual mitificação sentimental da



O encenador e actual director artístico do Teatro Nacional São João

história de Pedro e Inês. “Aque-las palavras são martelos. Toda a gente está, como se diz no Porto e noutros lugares, *fodida*.”

Um espectáculo cuja concretização decorre da circunstância, raríssima nos dias de hoje, de poder ter sido feito com uma equipa que está unida como estão unidos os elencos fixos, “o que permite uma continuidade de nos processos que faz com que a equipa funcione e crie em conjunto.” Na estética de Nuno Cardoso isto é fundamental, pois muito do que vemos em cena nas suas criações resulta de improvisações encontradas durante os ensaios.

Castro está em cena no Festival até domingo, 12 de Julho. **S.A.**

“Que teatro é que se faz agora?”

Foi com a presença de Isabel Craveiro que iniciámos na passada segunda-feira os Colóquios na Esplanada. Tivemos oportunidade de falar com a encenadora de *A grande emissão do mundo português* sobre o processo de pesquisa e escrita, totalmente partilhado pelo elenco – e também sobre o poder dos meios de comunicação e da censura na época retratada, bem como sobre a recepção da peça nos dias de hoje. Jorge Louraço, que moderou a conversa, introduziu algumas questões sobre futuros projectos de intervenção e perguntou de que forma o Teatrão encara o actual momento que vivemos, ao que Isabel Craveiro respondeu: “Esta situação veio precipitar a falta de capacidade de projectar o futuro – não conseguimos perceber como é que vamos transformar o Mundo. A grande discussão que estamos neste momento a fazer é: que teatro é que se faz agora? Temos de resgatar o poder de contar histórias como deve ser, resgatar uma comunicação com o público que volte a emocionar as pessoas e a fazê-las acreditar nalguma coisa – precisamos dessa utopia”.

Também recordámos a cen-

sura do Estado Novo no dia 7 à conversa com Carlos Avilez, encenador de *Bruscamente no Verão passado*, sobre a obra de Tennessee Williams, censurada durante o regime salazarista. Eugénia Vasques, moderadora desta sessão, fez uma introdução detalhada sobre a vida de Williams, que considera “um autor de ruptura”, que “falava do que era inominável, indizível”. Durante a conversa, sublinhou-se a importância de elementos técnicos como a luz branca, que representa a loucura, ou a banda sonora (uma escolha pessoal de Avilez), que surpreendeu pela eleição de músicas como *Ne me quitte pas*, pela voz de Nin a Simone. Falou-se ainda sobre a força da ironia presente no texto, incorporada em personagens (e interpretações) intensas que, juntas, formam o seu próprio universo maníaco. Desmistificámos certas temáticas que sustentam a peça, desde a estigmatização da doença mental ao carácter autobiográfico do texto.

Por falar em espectáculos autobiográficos, *Turma de 95* é isso mesmo. Raquel Castro juntou-se a nós, ontem, para conversar so-

bre esta peça que encenou e interpreta. O seu carácter documental foi um dos temas privilegiados neste colóquio. O público aproveitou para questionar a encenadora sobre o processo de pesquisa e criação, bem como sobre a recepção da peça por parte de quem a integra sem estar em palco (os antigos colegas de turma de Raquel Castro). Com o auxílio do moderador Rui Pina Coelho, foi possível explorar outros temas, como a relação com a peça de Alexander Kelly (*Class of 76*, escrita, encenada e representada também pelo próprio, na qual Raquel Castro se inspirou). *Turma de 95* segue carreira no Festival nos dias 10, 11 e 12, às 18.00 e às 22.00, no Teatro-Estúdio António Assunção.

Não perca o colóquio de amanhã com António Pires, encenador de *O Mundo é redondo*, Prémio para Melhor Espectáculo da Sociedade Portuguesa de Autores em 2019. Com moderação de Maria João Brilhante, a conversa começa como sempre às 18h – este ano na esplanada do foyer do TMJB.

Ana Sofia Pancada



Eugénia Vasques com Carlos Avilez. À direita, na imagem de cima: Isabel Craveiro com Jorge Louraço; na imagem de baixo: Rui Pina Coelho com Raquel Castro



Público nos colóquios sobre *Bruscamente no Verão passado* e *A grande emissão do mundo português*

AGENDA DE AMANHÃ

COLÓQUIO

18:00

Conversa com António Pires

Esplanada do foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite

TEATRO

18:00 e 22:00

Uma solidão demasiado ruidosa

Incrível Almadense

18:00 e 22:00

Turma de 95

Teatro-Estúdio António Assunção

21:00

Castro

Sala Principal do TMJB

21:30

O Mundo é redondo

Fórum Romeu Correia

21:30

By Heart

Academia Almadense

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Caril de salmão grelhado com arroz de coentros
- Roti de porco

AMANHÃ

- Salada de feijão frade com atum
- Fusili com salsichas picantes e cogumelos

FICHA TÉCNICA

Direção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo
Apoio à produção editorial Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

